



Com quantas cidades se faz a Pan-América? Dimensões político-urbanas dos Boletins da União Pan-Americana

How many cities is Pan-America made with? Political-urban Dimensions of the Bulletins of the Pan American Union

¿Con cuántas ciudades se compone Panamérica? Dimensiones político-urbanas de los Boletines la Unión Panamericana

Novo, Leonardo

Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História. Campinas, São Paulo, Brasil.
leo.novo7@gmail.com
ORCID: 0000-0002-5198-202X

Recebido em 19/03/2022 Aceito em 08/08/2022



Resumo

O presente artigo pretende debater a importância do urbano e das cidades nos projetos políticos de integração continental capitaneados pela União Pan-Americana. A análise de algumas edições dos Boletins da União Pan-Americana e da historiografia dedicada ao pan-americanismo tem como objetivo sublinhar a relação metonímica entre as nações americanas e suas cidades. A realização de uma série de congressos e conferências indica como a instituição, sediada em Washington D.C., congregou disciplinas e práticas em prol do mapeamento e catalogação das diferentes tradições identificadas no continente, apaziguadas a partir do ideal de cooperação e da retórica de solidariedade americana. Essa conciliação era operada por meio do liberalismo, pressuposto para as práticas pan-americanistas, ao qual pretende-se estabelecer uma crítica. Em meio a essa trama, a arquitetura e os arquitetos ocuparam um lugar privilegiado e formularam perspectivas profissionais que se valiam desse projeto interamericano para estabelecer uma rede e garantir o debate permanente sobre as cidades americanas no âmbito dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos.

Palavras-Chave: Pan-Americanismo; União Pan-Americana; Congressos Profissionais

Abstract

This article intends to discuss the importance of the urban and the cities in the political projects of continental integration led by the Pan American Union. The analysis of some editions of the Bulletins of the Pan American Union and the historiography dedicated to Pan Americanism aims to underline the metonymic relationship between American nations and their cities. The holding of a series of congresses and conferences indicates how the institution, based in Washington D.C., brought together disciplines and practices in favor of mapping and cataloging the different traditions identified in the continent, appeased by the ideal of cooperation and the rhetoric of American solidarity. This conciliation was operated through liberalism, an assumption for Pan-Americanist practices, to which one is establish a critique. In the midst of this plot, architecture and architects occupied a privileged place and formulated professional perspectives that made use of this inter-American project to establish a network and guarantee the permanent debate of American cities within the scope of the Pan-American Congresses of Architects.

Key-Words: Pan-Americanism; Pan American Union; Professional Congresses.

Resumen

Este artículo pretende discutir la importancia de lo urbano y de las ciudades en los proyectos políticos de integración continental liderados por la Unión Panamericana. El análisis de algunas ediciones de los Boletines de la Unión Panamericana y de la historiografía dedicada al panamericanismo pretende subrayar la relación metonímica entre las naciones americanas y sus ciudades. La realización de una serie de congresos y conferencias indica cómo la institución, con sede en Washington D.C., reunió disciplinas y prácticas a favor de mapear y catalogar las distintas tradiciones identificadas en el continente, apaciguadas desde el ideal de cooperación y la retórica de la solidaridad americana. Esta conciliación se operó a través del liberalismo, presupuesto de las prácticas panamericanistas, que se establece una crítica. En medio de esta trama, la arquitectura y los arquitectos ocuparon un lugar privilegiado y formularon perspectivas profesionales que aprovecharon este proyecto interamericano para establecer una red y garantizar el debate permanente sobre las ciudades americanas en el ámbito de los Congresos Panamericanos de Arquitectos.

Palabras clave: Panamericanismo; Unión Panamericana; Congresos Profesionales



1. Introdução

La vida humana, dice Ortega, es un gerundio. Es decir una forma progresiva: un estar siendo, y no un participio pasivo. La identidad, como la vida, es un gerundio, un continuo hacerse del ser. (ROJAS MIX, 1991, p.14)

Hispanoamerica, Latinoamerica, Panamerica. Enunciados que conformam uma trama de significados, disputas e exercícios de poder que buscaram desenhar as fronteiras, espaços e geopolíticas do continente americano ao longo de sua história. Desde a viagem de Colombo, em 1492, muitos foram os nomes que evocaram diferentes tradições e histórias para denominar o Novo Mundo. Rojas Mix, na impossibilidade de elencar todos eles, explorou os “cien nombres de America” no livro publicado em 1991, às vésperas das comemorações do IV centenário do descobrimento da América, efeméride que atualizou esse debate. Menos importante do que enumerar todos os nomes, é situá-los em relação aos diferentes projetos que imaginaram e construíram diferentes américas. A identidade, como defende o autor, não é estática, muito menos pode ser encarada de maneira apartada de seu próprio tempo e de sua história.

Dentre muitos americanismos, o presente artigo busca analisar como o pan-americanismo, em suas múltiplas interpretações e mobilizações, foi mote para práticas que tomaram a cidade e o urbano como centrais para se opor à hegemonia europeia e delinear uma nova geopolítica entre os finais do século XIX e as primeiras décadas do XX. Tradicionalmente, o pan-americanismo é interpretado como um movimento de integração continental liderado pelos Estados Unidos que, em 1889, organizaram e sediaram a primeira Conferência Internacional Americana (CIA). A historiografia estadunidense sobre o tema se apoia, em grande medida, nessa ideia de pioneirismo para traçar uma linha evolutiva que se inicia na Doutrina Monroe – elaborada pelo então presidente James Monroe em 1823 – e culmina na Política da Boa Vizinhança durante o governo de Franklin D. Roosevelt a partir de 1933. O verbete de autoria de David Sheinin publicado na enciclopédia *America in the World* (2016) é representativo dessa tendência de tomar o pan-americanismo como mote para a explicação histórica da hegemonia estadunidense sobre as relações comerciais, culturais e políticas na América desde o século XIX. O histórico das relações interamericanas é recuperado para conferir legitimidade à Washington como capital das relações hemisféricas. O caráter precursor do Secretário de Estado dos EUA à época da I CIA, James Blaine (1830-1893) e seu projeto de organização das repúblicas do hemisfério ocidental legítima, por sua vez, as ações da União Pan-Americana (UPA), fundada junto à organização da conferência sob o nome de *Bureau* das Repúblicas Americanas e que, desde 1948, passou a ser denominada Organização dos Estados Americanos (OEA).¹

Esse tipo de narrativa explicativa sobre o pan-americanismo vem sendo contestada por uma historiografia mais recente, interessada em enfatizar mobilizações alternativas aos projetos de hegemonia estadunidense a partir do mesmo vocabulário e práticas políticas, sobretudo pelos países da América do Sul. Nos últimos dez anos, o tema foi revisitado por pesquisadores interessados na agência de países latino-americanos que não só participavam das conferências e espaços de negociação transnacionais como denunciavam o imperialismo estadunidense e pautavam interesses próprios nas disputas políticas entre norte e sul do continente (SCARFI, SHEININ, 2022).

No Brasil, Norberto Ferreras (2013) reivindica colocar o pan-americanismo em ação e considerá-lo um espaço de negociação, e não uma doutrina, atravessado por interesses que não se restringiam aos Estados Unidos e nem somente aos países americanos. O autor se aproxima de algumas perspectivas enunciadas por Mark Petersen (2020) ao enfatizar as práticas e linguagens políticas a partir das quais as disputas e embates aconteciam. Petersen ainda ressalta importância das cidades para os projetos

¹ Um balanço do que era debatido nas primeiras Conferências Internacionais Americanas é feito por Tereza Dulci (2013), que argumenta sobre a importância da arbitragem, direito internacional e comércio no período 1889-1928 entre os países americanos.



de integração continental ao longo dos séculos XIX e XX. No mesmo sentido, Adrian Gorelik (2005) e Rodrigo de Faria (2020, 2022) reforçam como a ideia de cidade latino-americana se valeu do aspecto urbano aliado a uma permanente projeção de futuro – “algo a ser concebido-projetado-planejado”, como afirma Faria (2022, p.2).

Ir além da retórica que mobilizava a fraternidade e a cooperação a partir de uma suposta igualdade dos países americanos é contribuir com essa historiografia que reivindica a complexidade de considerar os interesses latino-americanos colocados em jogo frente aos projetos estadunidenses sem, com isso, atenuar as investidas imperialistas e militares dos EUA.

As dualidades identificadas no continente foram mobilizadas nas elaborações pan-americanistas, que não buscavam romper com os demais americanismos (latino-americanismo, hispano-americanismo, ibero-americanismo), mas os mobilizava em uma trama política que assumia, no final do século XIX, contornos diplomáticos e próprios da reestruturação das relações exteriores.² A desejada e idealizada unidade continental não existia a priori e foi forjada no debate entre diferentes posições e na elaboração por meio de diferentes linguagens que, de uma só vez, mobilizavam esses ideários de integração e ressaltavam as diferenças e disparidades da América, justificadas por meio de sua história.

Tão importante quanto inserir novos agentes a essa trama é reavaliar o papel desempenhado por instituições como a União Pan-Americana, ponto de convergência de uma série de iniciativas capitaneadas pelos Estados Unidos. As negociações no percurso do pan-americanismo, colocado em ação, longe de o descaracterizarem, nos indicam seus desenhos e complexidades. Como em um prisma, o pan-americanismo é desvirtuado sucessivas vezes a partir de articulações entre a história, a política e a cultura nas Américas de forma a garantir a conciliação e difusão de diferentes projetos sintetizados sob o prefixo *pan*.

Além da profusão de conferências, encontros e congressos nas primeiras décadas do século XX, foram incentivados intercâmbios universitários, criação de institutos e centros de estudo, pesquisa e documentação, além da circulação massiva de periódicos, revistas, jornais e profissionais. A União Pan-Americana teve um papel ativo na coleta e divulgação de informações sobre o continente, sistematizadas anualmente em boletins publicados desde 1889.³

2. A construção do mosaico americano

A publicação dos Boletins da União Pan-Americana foi uma iniciativa votada na I Conferência Internacional Americana com o objetivo de veicular informações comerciais referentes às nações americanas. A análise dessa documentação, entretanto, indica como, para além das listas de produtos para exportação e importação e das transações comerciais, muitos artigos visavam apresentar a realidade social, cultural e política das nações situadas ao sul do Rio Grande aos estadunidenses. A abrangência do escopo do que era publicado nos boletins segue as mudanças do nome da instituição: fundada em 1889 como *The Commercial Bureau of the American Republics*; passou a ser denominada *The International Bureau of American Republics* durante a II CIA (Cidade do México, 1902) e tornou-se oficialmente *The Pan-American Union* em 1910, com a realização da IV CIA (Buenos Aires).⁴ A estrutura dos boletins permaneceu a mesma desde esse período até 1948, quando, com a fundação da OEA, passou a variar de maneira mais significativa.

² Arturo Ardao (1980, 1986) explorou essa trama americanista a partir dos diferentes enunciados disputados sobre a América. Rodrigo de Faria (2020), por sua vez, recupera as definições de pan-americanismo do século XIX pontuadas nos trabalhos de Ardao para enfatizar o diálogo entre esse enunciado americanista e outras interpretações e projetos de interação entre os países americanos no campo do planejamento urbano e regional.

³ Além dos boletins, a UPA editou uma série de publicações temáticas geralmente dedicadas a projetos específicos, como é o caso do Canal do Panamá, mote da obra de autoria de John Barrett (BARRETT, 1913).

⁴ A então Editora Chefe dos Boletins da UPA, Annie D'Armond Marchant, publicou um artigo em 1943 em que retoma a história da instituição de maneira articulada a essa atividade editorial (MARCHANT, 1943).



Por meio dessa série documental, é possível identificar os caminhos pensados pela UPA para alcançar o ideal de cooperação interamericana a partir de seus interesses comerciais aliados a questões culturais, sociais e políticas. Cada volume compila os boletins de janeiro a dezembro de cada ano e possui entre mil e mil e quinhentas páginas. Por esse grande volume de informações, uma análise que contemple todos os volumes publicados entre 1889 e 1948 extrapolaria os limites do presente artigo. Entretanto, a partir da leitura sistemática desse conjunto documental articulada a interesses específicos da história urbana, é possível argumentar sobre o papel do urbano no projeto político continental da UPA tendo como foco os boletins publicados em um ano.

O volume sessenta e cinco compila os boletins do ano de 1931. O longo índice alfabético agrupa pelos países que faziam parte da instituição à época os diversos assuntos e indica de antemão o ímpeto da UPA em coordenar e sistematizar as informações publicadas a cada ano. Ao longo das páginas, a organização por países disposta no índice é desfeita e os artigos e assuntos conformam uma miscelânea de diferentes regiões e tradições da América. Além de discursos proferidos por autoridades diplomáticas, sobretudo pelos embaixadores latino-americanos em Washington D.C. – como Luis Abelli (Bolívia), Felipe Espil (Argentina), Miguel Cruchaga Tocornal (Chile) e José Manuel Puig Casauranc (México) –, há artigos que demarcavam efemérides – como o Centenário da morte de Simón Bolívar e a instituição do Dia Pan-Americano – ou que contribuíam para a construção de um mosaico americano ao apresentar diferentes artistas e tradições estéticas e culturais justapostas ao longo da publicação.

É possível identificar como eram agrupados em uma suposta igualdade diferentes aspectos de diferentes Américas em uma operação que visava transformar as divergências, por vezes inconciliáveis, em diversidades valorizadas pelos novos significados atribuídos ao continente e mediados pela União Pan-Americana. Enfatizo esse aspecto dos boletins por acreditar que ele corresponde ao projeto pan-americanista conciliador formulado por James Blaine nas tentativas de tutela das diferentes regiões do continente por meio do potencial moderador e supostamente neutro da UPA.

Nas edições de abril a julho, foram publicadas muitas reportagens sobre a instituição do Dia Pan-Americano, cuja resolução votada em 07 de maio de 1930 pelo conselho da União Pan-Americana elegeu como data o 14 de abril. A efeméride visava celebrar a solidariedade continental e os sentimentos de cordialidade e amizade entre os povos e repúblicas americanas. Em uma operação metonímica, as nações eram representadas por suas capitais na cobertura das comemorações. As reportagens mostravam como diferentes cidades (Cidade do México, Cidade do Panamá e Washington D.C.) hasteavam bandeiras e se tornavam espaços de comemoração dos valores pan-americanistas idealizados pela instituição.

Segundo o editorial assinado por Leo Stanton Rowe (1871-1946), então diretor da UPA, a data deveria marcar e celebrar os esforços da instituição na conquista de objetivos considerados concretos, mas também na tarefa caracterizada como menos tangível, mas não menos importante, de desenvolver o espírito de cooperação e mútuo entendimento entre as repúblicas da América. Para ele, mais do que os tratados, convenções, normas e contribuições técnicas e especializadas obtidas nas Conferências Internacionais Americanas e em outros congressos,

a conquista mais importante (...) é que se desenvolveu gradualmente um espírito de serviço mútuo entre as repúblicas da América, uma atmosfera de boa vontade (...). A União Pan-Americana não foi fundada para resolver disputas internacionais. Os fundadores (...) sentiram que, enfatizando os princípios que unem e não os que dividem as repúblicas, fomentando o espírito de ajuda e cooperação, desenvolver-se-ia gradualmente um clima de bom sentimento e solidariedade em que eventual disputa internacional prestar-se-ia aos processos ordenados de conciliação e arbitragem



(*Bulletin*, 1931, p.327).⁵

Rowe questionava a suposta não efetividade dos congressos e conferências ao enfatizar a atitude estimulada nesses eventos. O objetivo das práticas pan-americanistas então implementadas era o de conceber as relações entre os países americanos por meio da cooperação, atenuando as diferenças, consideradas entraves. Ele contabilizou as grandes realizações da União Pan-Americana: seis conferências diplomáticas – referindo-se às Conferências Internacionais Americanas – e diversas conferências especializadas realizadas desde 1889 a partir do princípio de cooperação continental e com o objetivo de solucionar, por meio da aposta na técnica, os problemas comuns às nações americanas.

Em 1931, Rowe já estabelecia um balanço da atuação da UPA, desde seus objetivos iniciais de mediar as novas relações comerciais entre os países americanos até se estabelecer, segundo ele, como uma importante instituição atuante sobre as relações culturais na América. Essa ampliação de seu escopo, cujo marco de inflexão foi a VI CIA (Havana, 1928), levou a fundação de novas diretorias, como a Divisão Editorial, responsável pela publicação dos boletins mensais que deveriam apresentar ao mundo todo – e não só à América – “um retrato dos acontecimentos marcantes de importância pan-americana” (*Bulletin*, 1931, p.239). Além dos boletins, ele destacou outras iniciativas importantes de registro e salvaguarda documental, como a organização da *Columbus Memorial Library*, em Washington D.C., adjetivada como o mais importante repositório documental sobre a América Latina. Essa evidente preocupação em registrar e documentar as relações forjadas a partir das práticas pan-americanistas é retomada no final de seu artigo ao mencionar o objetivo de se instaurar um sistema continental americano: “para o historiador do futuro, esta será, sem dúvida, considerada a maior contribuição da União Pan-Americana” (*Bulletin*, 1931, p.331).

O registro das diferentes Américas publicadas nos boletins foi possibilitado, em grande medida, pelas novas tecnologias de viagem e comunicação, como ressaltou C. C. Martin, diretor do *Pan-American Informative Service*, em artigo publicado em outubro de 1931. Elas viabilizaram não só a realização efetiva dos congressos, mas a comunicação entre as autoridades diplomáticas e políticas dos dois extremos da América. Com o interesse e os meios de conhecer seus vizinhos, a América Latina passava a ser vista como “terra de encantamento para o turista”, como afirmava Charles Keech Ludwig, *Foreign Trade Adviser* da UPA ao estabelecer o “roteiro pan-americano”, desenhando os contornos urbanos da ideia de uma Pan-America: Cuba, Haiti, Santo Domingo, Guatemala, São Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai, Brasil (*Bulletin*, 1931, p.1038).

A história, a geografia e, de maneira mais geral, o que eles entendiam por cultura deveriam não apenas ser conhecidas pelas novas tecnologias, mas representadas e materializadas por meio das artes e das arquiteturas. Essa seria uma dimensão fundamental à cooperação intelectual entre as Américas defendida por Heloise Brainerd, chefe da Divisão de Cooperação Intelectual. A narrativa visual apreendida na análise do Boletim do ano de 1931 corrobora a importância da arquitetura e da dimensão urbana para as práticas pan-americanistas, como já argumentou Robert González.⁶ Junto aos relatos das pesquisas arqueológicas, listas dos tratados econômicos, medidas legais, efemérides e discursos, foram publicadas centenas de fotos que pretendiam apresentar visualmente a América por meio de suas cidades. Ao todo, foram publicadas fotos de vinte países e quarenta e duas cidades americanas.⁷

⁵ Todas as citações de trechos da documentação em inglês e espanhol ao longo do presente artigo foram traduzidas livremente pelo autor.

⁶ González é autor de um estudo sobre a dimensão visual e arquitetônica do pan-americanismo, sobretudo nas relações entre os Estados Unidos e o México. Ele argumenta que, para ser difundido, o pan-americanismo teve de ser desenhado por meio de concursos, feiras e exposições hemisferiais. (GONZÁLEZ, 2011).

⁷ 20 países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Estados Unidos, Equador, Guatemala, Haiti, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Rep. Dominicana, Uruguai, Venezuela. 42 Cidades:



A arquitetura materializava os projetos de cooperação intelectual levados à cabo pelas diretorias da UPA, bem como sinalizava as heranças comuns a serem enfatizadas entre os países americanos, sintetizados por algumas de suas cidades. Alguns dos líderes pan-americanos exaltados nos discursos de autoridades diplomáticas, como Bolívar e Colombo, eram representados em estátuas e bustos espalhados por diversos países ou passavam a ocupar as cidades no nome de praças e avenidas, como a Praça Bolívar em Caracas.

Podemos observar como as arquiteturas na América eram apresentadas em seus diversos estilos. Desde prédios adjetivados como modernos – como a série de edifícios de Barranquilla, assim enunciados, ou o Banco Central da Reserva do Peru (Lima), o Hotel Ferrocarril em Cusco, o Estádio do Centenário em Montevideú, ainda que não apresentados dessa maneira, podem ser assim classificados – até exemplares de Art Déco – como os prédios das companhias telefônicas de Valparaíso, Havana e Cidade do México –, ou as muitas versões ecléticas associadas ao poder municipal – Palacio Lopez, em Assunção, Instituto Normal, em Bogotá, Palacio das Capitánias Gerais, na Guatemala e o Gran Hotel, em San José. O colonial e suas interpretações no início do século XX figuravam de maneira distintas. Tanto nas fotografias de muitos pátios – Pátio do Palácio San Carlos (Bogotá), então sede do Ministério das Relações Exteriores, Pátio do Convento de São Francisco (Quito), Pátio de uma Casa Colonial na Cidade do México, Pátio do Palácio Presidencial da Cidade do Panamá, Pátio do Instituto Pan-Americano de História e Geografia (Cidade do México) –, igrejas – dentre as quais os exemplares mais numéricos eram as brasileiras, nas cidades de Ouro Preto e São João del Rey –, em conjuntos de casas e ruínas.

As cidades e suas arquiteturas assumiam, ao menos, três funções nos boletins da UPA. Materializavam, de alguma maneira, o mosaico americano, ou seja, essa visão plural e diversificada de um continente composto por muitas e diferentes tradições e temporalidades que se cruzavam, como nos exemplos elencados no parágrafo anterior. Situavam as iniciativas e projetos pan-americanistas, como as conferências e congressos, em espaços de encontro e reunião – como nas fotografias das delegações dentro e fora de palácios, institutos e prefeituras nas cidades americanas. Além disso, talvez como função mais importante e explícita, apresentavam os demais países americanos ao público estadunidense por meio de fotografias panorâmicas de regiões portuárias, áreas centrais, zonas rurais e de habitação. Sobre esse aspecto, importa ressaltar a quantidade consideravelmente inferior de fotografias de cidades e arquiteturas localizadas nos Estados Unidos se comparadas aos demais países.⁸ Esse aspecto parece indicar o constante estado de desconhecimento dos estadunidenses em relação aos “vizinhos do sul”.⁹

Assunção (Paraguai), Belo Horizonte (Brasil), Barrancabermeja (Colômbia), Barranquilla (Colômbia), Bogotá (Colômbia), Buenos Aires (Argentina), Callao (Peru), Caracas (Venezuela), Cartagena (Colômbia), Cidade da Guatemala (Guatemala), Cidade do México (México), Cidade do Panamá (Panamá), Congonhas do Campo (Brasil), Cusco (Peru), Guayaquil (Equador), Havana (Cuba), Iquitos (Peru), Las Palmas (Peru), Lima (Peru), Managua (Nicarágua), Marília (Brasil), Mendonza (Argentina), Montevideo (Uruguai), New York (EUA), Oak Hill (EUA), Ouro Preto (Brasil), Porto Príncipe (Haiti), Potosí (Bolívia), Quito (Equador), Ribeirão Preto (Brasil), Rio de Janeiro (Brasil), Rosário (Argentina), San José (Costa Rica), San Juan del Sur (Nicarágua), San Salvador (El Salvador), São João del Rey (Brasil), São Paulo (Brasil), Santa Fé (Argentina), Santiago (Chile), Santo Domingo (Rep. Dominicana), Valparaíso (Chile), Washington (EUA).

⁸ Tirando as fotografias que apresentavam a sede da União Pan-Americana em Washington D.C., as construções localizadas nos Estados Unidos que apareceram no Boletim de 1931 eram St. Matthews Church, Observatório Naval, Columbus Memorial Library (todas na capital dos EUA), o busto de James Monroe (New York) e a residência e escritório de Monroe (Oak Hill, Virgínia).

⁹ Muitas foram as iniciativas estadunidenses que buscavam conhecer – e tutelar – as demais nações americanas. Desde a circulação de impressos, publicações e profissionais, como explorou Fernando Atique (2010), até por meio da realização de seminários, conferências e grupos de estudos, como nos conta Ana Castro (2021).



3. Miradas del Sur

Os boletins do ano de 1931 sinalizavam o interesse estadunidense na região sul do continente. Além de um artigo de Juan José Souza Reilly sobre Buenos Aires, “o coração da Argentina”, há um longo relato do estadunidense Carl Ziegler sobre o IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos (CPA), sediado no Rio de Janeiro (*Bulletin*, 1931, p.278).¹⁰

Ziegler apresenta brevemente o Teatro Municipal, edifício onde ocorreu a cerimônia de abertura no dia 20 de junho de 1930, comparando-o à *Grand Opera* de Paris, mesmo paralelo mobilizado para apresentar a Escola Nacional de Belas Artes, onde o congresso aconteceu nos dias seguintes, aproximando-a da *École des Beaux Arts*. Após elencar os temas selecionados pelo Comitê Executivo e debatidos pelos delegados, arquitetos de onze países americanos, o autor afirma ter tomado parte nos debates sobre o tema 3, arranha-céus, junto a Fernando Valdivieso Barros (Chile) e Ulhoa Cintra (Brasil).¹¹

O delegado estadunidense informa ter tomado parte como juiz e avaliado os trabalhos de estudantes apresentados na IV Exposição Pan-Americana de Arquitetura: “particularmente impressionado com o fato de que o modernismo parecia estar firmemente enraizado nas escolas da América do Sul” (*Bulletin*, 1931, p.280). O destaque da exposição foi dado ao plano elaborado por Alfred Agache para a cidade do Rio de Janeiro, também publicado no boletim em sua edição de março de 1930. O plano, segundo Ziegler, foi o tópico mais comentado nas duas semanas em que ocorreu o congresso, tanto pelos especialistas reunidos na capital brasileira, quanto pelo público geral.

Essa avaliação positiva de Ziegler sobre o debate arquitetônico na América do Sul é oposta àquela encontrada no relatório de Gregori Warchavchik enviado ao III Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) no mesmo ano. Warchavchik afirmava não existir arquitetura moderna na América do Sul, onde o campo profissional era dividido entre o colonial e o clássico. Ele caracterizou o IV CPA como uma encenação: “a demonstração de uma falta absoluta de compreensão do século em que vivemos (...) esse congresso foi uma farsa, uma encenação primorosa” (WARHAVCHIK, 2006, p.170).

A quarta edição dos CPA relatada por Ziegler é caracterizada pela historiografia como uma das edições mais polêmicas da sequência desses eventos organizados entre os anos de 1920 e 1940 (CERASOLI, 2012). As divergências acerca do tema “orientação espiritual da arquitetura na América” dividiram os delegados presentes entre aqueles partidários de tendências modernistas, como Flávio de Carvalho e Alejandro Christophersen, e defensores de uma arquitetura considerada tradicionalista, como Angel Guido e José Marianno Filho.

Os pressupostos para o debate e o próprio entendimento do que deveria ser a arquitetura moderna nos CPAs certamente não eram os mesmos das definições encontradas nos CIAMs. Ainda assim, como sublinhado por Ziegler, o evento de 1930 demonstra como a América do Sul estava longe de ser caracterizada pela ausência, como o fez Warchavchik. Ziegler ainda indica como esses arquitetos se

¹⁰ Carl Ziegler (1878-1952) foi um arquiteto associado ao *American Institute of Architects* (AIA), em sua seção da Philadelphia. Obteve um certificado de proficiência em Arquitetura pela *University of Pennsylvania* (1895) especializando-se em edificações coloniais, arquitetura vernacular e *regional style*. Foi um importante agente na articulação pan-americana entre diferentes tradições construtivas e participou como delegado dos Estados Unidos nos CPAs. Além do registro da quarta edição do evento publicado no boletim, ele foi condecorado com uma medalha de prata na III Exposição Pan-Americana de Arquitetura realizada junto ao III CPA (Buenos Aires, 1927).

¹¹ As conclusões votadas sobre o tema “arranha-céus e sua conveniência sob aspectos higiênicos, econômicos, sociais e estéticos” recomendavam que sua construção levasse em conta os fatores locais e do entorno (GUTIERREZ, TARTARINI, STAGNO, 2007). No debate, a experiência dos arquitetos estadunidenses foi valorizada pela quantidade de arranha-céus construídos no país no período.



valiam do projeto interamericano da UPA para consolidar uma rede profissional continental.¹² Além dos debates específicos e circunscritos ao campo da arquitetura e do urbanismo realizados durante as sessões do evento, ele ainda previa excursões por pontos considerados marcantes da paisagem carioca e de cidades eleitas como importantes para apresentar a nação aos estrangeiros – como São Paulo, Belo Horizonte, Sabará, Mariana e Ouro Preto. As excursões, segundo Ziegler, serviam para tornar os delegados mais próximos e permitir o intercâmbio de ideias para além dos momentos de debate previstos na programação do evento. Além disso, ele também relata a importância dos eventos sociais, como a festa oferecida por José Marianno Filho no Solar Monjope em 23 de junho, edificação caracterizada como “um verdadeiro museu de arte colonial brasileira” (*Bulletin*, 1931, p.282).¹³ No artigo, ele aproxima a campanha de Marianno Filho em prol da arte tradicional com iniciativas de restauração e preservação da arquitetura colonial nos Estados Unidos implementadas pelo AIA.

O Congresso Pan-Americano sediado no Rio de Janeiro em 1930 se valia dessa rede pan-americanista observada nos boletins da UPA e se inseria em uma sequência de encontros profissionais realizados no sul do continente. Desde 1920, quando foi realizado o I CPA em Montevideú, arquitetos de diferentes países do continente se reuniam para pautar problemas comuns das cidades americanas e se engajar em um projeto profissional coletivo. Os debates sobre a organização de um congresso de arquitetos americanos, antes mesmo da efetiva realização, podem ser encontrados nas páginas da revista uruguaia *Arquitectura* desde a primeira metade da década de 1910, quando a ideia era debatida pela *Sociedad de Arquitectos del Uruguay* (*Arquitectura*, 1914, p.3). Os arquitetos uruguaios se empenharam em trocar correspondências e, segundo eles mesmos, convencer colegas do Brasil, Cuba, Paraguai, Peru, Equador e da União Pan-Americana sobre a necessidade e viabilidade do projeto. Eles previam a realização do primeiro Congresso em 1917, o que não ocorreu em razão da I Guerra Mundial. Naquele ano, os editores dessa mesma revista publicaram uma nota em suas crônicas sobre os esforços empenhados para a realização do que consideravam uma das mais importantes e felizes ideias da instituição: a realização do primeiro Congresso de Arquitetos Americanos.

Chamo a atenção para a ausência da adjetivação pan-americana que irá caracterizar os eventos quando de sua efetiva realização. Diferente de outras conferências e congressos profissionais organizados pela UPA – alguns deles elencados no quadro 1 –, os CPAs foram um projeto implementado pelos arquitetos uruguaios com o apoio, ao longo do processo, de uma rede de arquitetos sul-americanos. Ao longo das sete edições ocorridas na primeira metade do século XX, vinte países foram representados por meio de profissionais agrupados em delegações cuja participação era inconstante.¹⁴ Frente a esse quadro heterogêneo, é possível identificar um forte engajamento de cinco países: Argentina, Chile, Estados Unidos, Uruguai – participantes de todas as edições entre 1920 e 1950 – e Brasil – que só não participou da edição de 1923.

A retórica identificada nas páginas da revista *Arquitectura* sinaliza como os arquitetos mobilizavam as práticas pan-americanista então em voga para a implementação desse projeto profissional. Eram frequentes os apelos pela solidariedade e fraternidade em prol de solucionar problemas identificados

¹² Comparativamente, Ziegler afirma que o congresso sediado no Rio de Janeiro teve maior expressão e representação do que os anteriores, atribuindo o fato às figuras de Nestor de Figueiredo (presidente) e Adolfo Morales de los Rios Filho (secretário): “a Argentina enviou 20 ilustres delegados de Buenos Aires e Rosário; 15 membros proeminentes da profissão representaram o Uruguai e o mesmo número o Chile; os EUA tiveram três delegados, Cuba e Canadá dois cada, e Peru um, enquanto 50 ou mais arquitetos brasileiros estiveram presentes” (*Bulletin*, 1931, p.285).

¹³ O Solar Monjope e seu desaparecimento foram objeto de estudo de Fernando Atique (2019), que situa a edificação nessa trama pan-americanista.

¹⁴ Ao longo das primeiras sete edições (1920 [Montevideú], 1923 [Santiago do Chile], 1927 [Buenos Aires], 1930 [Rio de Janeiro], 1940 [Montevideú], 1947 [Lima] e 1950 [Cuba]) os seguintes países participaram ao menos uma vez: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Estados Unidos, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Peru, Paraguai, República Dominicana, Panamá, Porto Rico, Uruguai e Venezuela.



como comuns entre as cidades do continente. Os discursos proferidos pelos arquitetos e por autoridades políticas e diplomáticas a cada edição se valiam do léxico pan-americanista identificado nos boletins da UPA para consolidar essas articulações profissionais, políticas e transnacionais a partir do mote da união americana, ainda que restrita a uma elite técnica sul-americana. A percepção de uma demanda comum e continental no que tocava a legitimidade profissional e a ausência de leis e normativas que regulamentassem a atuação dos arquitetos era a justificativa para os discursos que objetivavam maior cooperação e diálogos entre os países americanos (NOVO, 2018).¹⁵

No boletim de abril, William Manger, chefe da Divisão de Finanças, elenca os eventos organizados em decorrência das resoluções votadas na VI CIA (Havana, 1928). Ele menciona o artigo II da resolução que fundou a UPA e que estabelecia como uma das funções da instituição a promoção de conferências a serem organizadas por uma Comissão Permanente Internacional. Essa comissão tinha como objetivos manter os registros e arquivos de cada uma das conferências, auxiliar a ratificação dos tratados e convenções em cada um dos países signatários e preparar o programa e os regulamentos de cada um desses encontros – tantos os de caráter internacional, quanto os de organização nacional.

A eficácia do trabalho (...) depende em grande parte dos preparativos antecipados que são feitos e da existência de algum corpo permanente para levar suas conclusões a efeito. A União Pan-Americana cumpre essa função para as Conferências Internacionais dos Estados Americanos. Nos intervalos entre as conferências, grande parte da atividade da União é dedicada a dar aplicação prática às conclusões adotadas - assegurar a ratificação pelos Estados signatários dos tratados e convenções, e levar a cabo as resoluções que requerem ação específica (*Bulletin*, 1931, p.367).

A organização das conferências internacionais de maneira periódica e intermitente contava com a ação permanente da UPA no exercício de implementar em cada país aderente as soluções votadas nesses espaços de negociação transnacional.

Por ocorrerem de maneira espaçada e pelo escopo cada vez maior dos temas debatidos em cada edição, as Conferências Internacionais Americanas foram articuladas a outras conferências e congressos que nem sempre levavam o pan-americanismo em seu nome, mas se valiam dessa prática para forjar esse sistema interamericano. Manger sublinha a impossibilidade dos delegados se dedicarem detalhadamente a todos os tópicos pautados em cada CIA e, por isso, entende como necessária a prática de organizar conferências específicas para tratar pormenorizadamente de questões entendidas como técnicas, como é o caso dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos. A lista indica a abrangência dos temas tratados de maneira específica entre uma conferência internacional e outra, sistematizados no quadro abaixo.

¹⁵ Faz-se necessária uma consideração sobre a relação entre arquitetura e urbanismo. Ao longo das décadas de 1920 e 1930, o urbanismo era definido de diferentes maneiras a partir de diferentes disciplinas - engenharia, arquitetura, sociologia, geografia, dentre outras (FELDMAN, 2010). No âmbito dos CPAs, é possível identificar como ele passa a ser debatido de maneira mais vigorosa a partir da edição de 1930 com tentativas de subordiná-lo às práticas profissionais dos arquitetos, bem como inseri-lo nos currículos das escolas de arquitetura. No IV CPA o tema se tornou polêmico pela presença de engenheiros que defendiam a inclusão do urbanismo apenas nos currículos das escolas politécnicas. Por essa razão, nos documentos das primeiras edições dos congressos é mais comum encontrar menções ao arquiteto e a arquitetura, ao invés de arquiteto e urbanista e arquitetura e urbanismo. As exposições realizadas junto aos congressos, por exemplo, só passaram a ser denominadas Exposições Pan-Americanas de Arquitetura e Urbanismo em sua sexta edição (Lima, 1947).



Quadro 1: Eventos citados por William Manger.

Evento	Local e data
Conferência Internacional dos Estados Americanos sobre Conciliação e Arbitragem	Washington, 1928-1929
Conferência Pan-Americana de Marcas Registradas	Washington, 1929
Congresso Pan-Americano de Rodovias	Rio de Janeiro, 1929
Conferência Interamericana de Rodovias	Panamá, 1931
Conferência Pan-Americana de Regulação do Tráfego Automotivo	Washington, 1930
Comissão Pan-Americana de Procedimentos Aduaneiros e Formalidades Portuárias	Washington, 1929
Congresso Pan-Americano de Geografia e História	México, 1929
Congresso Interamericano de Reitores, Decanos e Educadores	Havana, 1930
Comissão Interamericana de Mulheres	Havana, 1930
Conferência Interamericana sobre Agricultura	Washington, 1930
Quarto Congresso Pan-Americano de Arquitetos	Rio de Janeiro, 1930
Sexto Congresso Pan-Americano da Criança	Lima, 1930
Quarta Conferência Comercial Pan-Americana	Washington, 1931
Congresso Pan-Americano de Municípios	Havana, 1931
Segunda Conferência Pan-Americana de Diretores Nacionais de Saúde Pública	Washington, 1931
Terceira Conferência Pan-Americana de Correios	Madrid, 1931
Congresso Pedagógico Pan-Americano	Chile, 1932
Nona Conferência Sanitária Pan-Americana	Buenos Aires, 1932
Sétimo Congresso Científico Pan-Americano	México, 1932
Segunda Conferência Pan-Americana de Eugenia e Homicultura	Buenos Aires, 1932
Segundo Congresso Pan-Americano de Jornalistas	Montevideú, s.d.
Comissão Bibliográfica Interamericana	Havana, s.d.

Fonte: *Bulletin*, 1931, p.367-368.

Além dessas iniciativas, as novas divisões e diretorias criadas dentro da União Pan-Americana a partir de 1928 também visavam garantir a implementação das medidas votadas e debatidas em espaços efêmeros, como os congressos. Essa ampla gama de projetos era norteada pelo pressuposto da cooperação intelectual entre as Américas, votada como conclusão das Conferências Internacionais Americanas desde sua primeira edição, em Washington D.C.

4. Considerações finais

O conteúdo dos boletins deve ser analisado de maneira articulada à realização das muitas conferências e congressos anteriormente elencados. Como argumentou Brainerd, esses projetos, aliados às novas tecnologias, deveriam servir à prática de se fazer conhecer a vida dos diferentes povos americanos, de maneira a permitir as trocas e intercâmbios entre os diferentes países, suas instituições e profissionais. A cultura, de modo geral, era entendida como central para a efetivação da cooperação intelectual entre os países americanos e para o estabelecimento de bases mútuas para a apreciação das diferenças entre as nações. Nas palavras de Brainerd, a UPA se empenhava em elaborar um *index* (BRAINERD, 1931, p.393), ou seja, catalogar essas diferenças, a serem justapostas nas páginas dos boletins de maneira a conformar a imagem de um mosaico americano.

A efetividade das práticas pan-americanistas era comprovada, segundo essa argumentação, pela capacidade da União Pan-Americana em organizar o processo de identificação, sistematização e catalogação das diferenças que conformavam o continente, a ser unificado. Os esforços da instituição construíam – discursiva, imagética, material e politicamente – uma Pan-América apaziguada em suas diferenças a partir do pressuposto da igualdade, duramente denunciado pelos países latino-americanos em diversas instâncias e veículos.

Esse exercício de catalogação se apoiava, em grande medida, no ideário liberal. Como argumenta Maria Sylvania Carvalho Franco, no liberalismo, a classificação é estabelecida pelo jogo entre distinção e



semelhança: distinguem uns dos outros e se agrupam conforme a sumarização de traços empíricos que se repetem, de caracteres comuns (FRANCO, 1993). No caso da Pan-América desenhada nos boletins da UPA, seu passado, identificado por meio da história e da arqueologia, e seu futuro, projetado pela política, se valiam das imagens urbanas e arquitetônicas de diferentes regiões do continente.

No liberalismo, toda teoria da igualdade, tal qual elaborado pela UPA em relação aos países americanos, está assentada sobre uma teoria da desigualdade, como um par indissociável. Essa relação, observada entre os indivíduos, também pode ser estendida para pensar uma comunidade. Nesse caso, o processo inerente de deslocamento do enunciado de igualdade para uma desigualdade justificada passa a ser o pressuposto para o estabelecimento de um todo unitário e coeso – “a América” – e fundamenta um sistema dividido e hierarquizado pautado pela dominação (FRANCO, 1993, p.42). As reflexões de Carvalho Franco sobre o liberalismo nos ajudam a interpretar as práticas pan-americanistas identificadas a partir da União Pan-Americana. Não só pelo caráter liberal do projeto político da instituição, mas, sobretudo, pelo aspecto mistificador presente em ambos – liberalismo e pan-americanismo –, que inverte o significado de pares opostos: a igualdade funda a desigualdade, a liberdade funda a opressão, a comunidade funda a sociedade estratificada. Ambos, portanto, se valem de enunciados universais pautados pelas ideias de igualdade originária, equidade e comunidade para fundar, naturalizar e apaziguar as diferenças, então demarcadas. A mistificação se vale dos enunciados, como observado no caso do pan-americanismo, que sintetizam e classificam as diferenças a partir de sínteses unificadoras e máximas que transformam o *que é* no *que deve ser*.

Mobilizo essas reflexões acerca do ideário liberal para apontar as bases teóricas do pan-americanismo e como, a partir delas, as contradições são convertidas em ambiguidades, bem como as diferenças em diversidades apaziguadas. Entre muitos americanismos, fixa-se a imagem de uma América unitária, ainda que não homogênea. A metáfora do mosaico, nesse sentido, é relevadora do potencial apaziguador já assinalado. Incapaz de conformar uma textura uniforme, como nos lembra Adrián Gorelik (2011), as cidades e suas arquiteturas enquanto peças desse mosaico indicam dimensões espaço-temporais diversas e evidenciam as fissuras e tensões inerentes ao processo de montagem. Ressaltar essa operação conciliadora da União Pan-Americana é, também, identificar a atualização de um gesto colonial. Afinal, Colombo transformou um mundo desconhecido em um universo de semelhanças, continuamente evocadas para caracterizar o continente e sua unidade a partir da diversidade colocada a serviço de um projeto de dominação.

5. Agradecimentos

Esta pesquisa conta com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo n.2018/16408-2). Agradeço às leituras, críticas e sugestões feitas pelos pesquisadores e pesquisadoras do “Arquipélago disciplinar”, grupo de estudos organizado pela Profa. Dra. Silvana Rubino (IFCH-Unicamp).

6. Referências

Arquitectura - Órgano oficial de la Sociedad de Arquitectos (Uruguay), n.1, ano 1, 19 set. 1914.

ARDAO, Arturo. **Génesis de la idea y el nombre de America Latina**. Caracas: Centro de Estudios Latinoamericanos Romulo Gallegos, 1980.

ARDAO, Arturo. **Nuestra America Latina**. Montevideo, Ediciones Banda Oriental, Col. Temas Latinoamericanos, vol. 1, 1986.



ATIQUÉ, Fernando. **Arquitetando a “boa vizinhança”**: arquitetura, cidade e cultura nas relações Brasil - Estados Unidos 1876-1945. São Paulo, SP: FAPESP: Pontes, 2010.

ATIQUÉ, Fernando. **Arquitetura evanescente**: o desaparecimento de edifícios cariocas em perspectiva histórica. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2019.

BARRETT, John. **Panama Canal** – What it is, what it means. Washington D.C.: Pan-American Union, 1913.

BRAINERD, Heloise. Intellectual cooperation between the Americas. **Bulletin of the Pan American Union**, vol. LXV, jan.-dez. 1931, p.387-9.

Bulletin of the Pan American Union, vol. LXV, jan.-dez. 1931.

CASTRO, Ana. **Um americano na metrópole latino-americana**: Richard Morse e a Formação de São Paulo. São Paulo: Edusp, 2021.

CERASOLI, Josianne. O lugar da América: por uma expressão arquitetônica moderna, panamericana e universal nos anos 1920. **XXI Encontro Estadual de História**, Trabalho, Cultura e Memória (ANPUH - SP), Vol. 1. Campinas, SP, BRASIL, 2012, pp.1-14.

DULCI, Tereza Maria S. **As conferências Pan-Americanas (1889 a 1928)**: identidades, união aduaneira e arbitragem. São Paulo, SP: Alameda, 2013.

FARIA, Rodrigo S. de. Crítica transnacional sobre a viagem latino-americana do planning norte-americano: uma análise a partir da origem intelectual da SIAP. **Risco** – Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online), [S.l.], v. 20, p. 1-16, 2022. DOI: 10.11606/1984-4506.risco.2022.187214. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/187214>. Acesso em: 5 jul. 2022.

FARIA, Rodrigo S. de. Por dentro do panamericanismo e do interamericanismo: a OICI e o pensamento urbano sobre a cidade latinoamericana. **URBANA** – Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade, v. 12, p. 1-32, 2020.

FLDMAN, Sarah. A década de 1930: dimensão urbano-industrial e (re)construção de saberes e práticas no campo do urbanismo. In: SALGADO, Ivone; BERTONI, Angelo (org.). **Da construção do território ao planejamento das cidades**: competências técnicas e saberes profissionais na Europa e nas Américas (1850-1930). São Carlos, SP: RiMa, 2010.

FERRERAS, Norberto. El Panamericanismo y otras formas de relaciones internacionales en las Américas en las primeras décadas del Siglo XX, **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n.15, p. 155-174, jul./dez. 2013.

FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. "All the world was America." - John Locke, liberalismo e propriedade como conceito antropológico. **Revista USP**, [S.l.], n. 17, p. 30-53, 1993. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i17p30-53. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25952>. Acesso em: 5 jul. 2022.

GONZÁLEZ Robert Alexander. **Designing Pan-America**: US architectural visions for the Western Hemisphere. Roger Fulling Series in Architecture, 2011.

GORELIK, Adrián. **Correspondencias**: arquitectura, ciudad, cultura. Buenos Aires: Nobuko, 2011.

GORELIK, Adrian. A produção da ‘cidade latino-americana. **Tempo Social** [Online], v. 17, n. 1, pp. 111-133, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000100005>. Acesso em: 5 jul. 2022.



GUTIÉRREZ, Ramón; TARTARINI, Jorge; STAGNO, Rubens. **Congressos Panamericanos de Arquitetos 1920-2000**: aportes para su historia, 1ª ed. Buenos Aires: CEDODAL – Centro de Documentación de Arte y Arquitectura Latinoamericana: Federación Panamericana de Asociaciones de Arquitectos, 2007.

MARCHANT, Annie D'Armond Marchant. The Bulletin of the Pan American Union, 1893-1943. **Bulletin of the Pan-American Union**, v.77, 1943, p.564.

MARTIN, C.C. Communications the Keystone of Western Civilization. **Bulletin of the Pan American Union**, Vol. LXV, jan.-dez. 1931, p.1030-1038.

NOVO, Leonardo. O lugar da arquitetura no império da técnica: redes e projetos profissionais nos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos (1920-1930). **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 11, p. 141-154, 2018.

PETERSEN, Mark. Encontrar el equilibrio: visiones latinoamericanas de la ciudad 1820-1920, **Estudios - Filosofía, Historia, Letras**, n.134, otoño 2020, p. 11-28.

ROJAS MIX, Miguel. **Los cien nombres de America**. Barcelona: Editorial Lumen, 1991.

SCARFI, Juan Pablo; SHEININ, David M. K. **The New Pan-Americanism and the Structuring of Inter-American Relations**. New York: Routledge, 2022.

SHEININ, David. Pan-Americanism, In BLUM, Edward J. (ed.). **America in the World, 1776 to the Present: A Supplement to the Dictionary of American History**. Farmington Hills, MI: Scribner's. 2 vols. 2016, p.12.

WARHAVCHIK, Gregori. **Arquitetura do século XX e outros escritos**. (Coaut. Carlos A. Ferreira Martins). São Paulo, SP: CosacNaify, 2006.

Leonardo Novo

Desenvolve pesquisa de doutorado na linha Cultura e Cidades do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas sobre as articulações entre o pan-americanismo e o campo profissional da arquitetura e do urbanismo na América. É pesquisador do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre Cidade (CIEC/IFCH/UNICAMP) e do grupo de pesquisa CAPP - Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica (UNIFESP). Possui graduação em história pela UNICAMP (2014) e mestrado defendido no Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição (2018). As áreas de atuação e interesse são: história urbana, história política, história da América, Brasil republicano e americanismos.

Como citar: NOVO, L. Com quantas cidades se faz a Pan-América? Dimensões político-urbanas dos Boletins da União Pan-Americana. *Paranoá*, (33), 1-14. <https://doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n33.2022.05>

Editores responsáveis: Viviane Ceballos, Regina Oliveira e Maria Fernanda Derntl.